

A Torre Ampulheta

ÀS RUÍNAS de uma torre, Ataturco e Ibrahim conversam.

IBRAHIM – Irmão, desde minha chegada tens me sido um esteio de sabedoria e me feito mais alegria do que um oásis, diz-me, pois – que confio em teu saber –, o que foram esses escombros que agora contemplamos com matizes de melancolia.

ATATURCO – Ah, irmão! em qual gáudio recebo tuas palavras! Não te turbes o coração com isso. A história me está nas beiras do peito e nas orlas da língua. Eram tempos de escabrios aqueles em que a peste reboava silenciosamente através das portas de humildes homens pastoris... Lembro bem, muito bem! Ninguém disse uma só palavra sobre a maldição de Hilal, mas ela bem aconteceu, e aqui, em Turquia. Nada dizem por superstição, temerosos de que um *jinn* possa nos amaldiçoar com ela novamente. Mas eu não. Eu não temo as artimanhas demoníacas ou os mistérios de Dumah, pois que a força de Alá em mim é mais potente que as insídias das baixezas! Hei de falar-te, amigo, portanto, do que o vil Hilal fez com nossas gentes e, especificamente, desta torre.

IBRAHIM – Pois diz.

ATATURCO – Orem santos todos pelo meu testemunho e pelas tuas audições! Sus! Teu espírito não durma enquanto eu com coriscos estiver te exortando!

IBRAHIM – Assim seja.

ATATURCO – Ó irmão, sabeis que há tempos imemoráveis, os quais fazemos tudo por esquecer, um grão amaldiçoado de Alá vinha atazanando as nossas vilas com doenças, pragas, feitiços e toda sorte de *haram*. As horas que antes eram preenchidas de orações agora se replenavam de gritos e gemidos dos enfermos e nós, de mãos atadas, nada podíamos fazer. Hilal, o homem do qual falo, condenado, certamente, a uma ardente danação dos infiéis, havia posto cidades inteiras sobre o laço de uma estranha maldição – artifício que aprendeu mais para o leste, além do Altai. Foi nesse pandemônio que, se escondendo os pobres e procurando abrigo, duas crianças – Yusuf e Asaf – se refugiaram nesta torre, que na época era a grandiosa Torre Ampulheta, o primeiro prédio-relógio da Turquia.

IBRAHIM – Alá tenha piedade desses infantes!

ATATURCO – Certamente, irmão. Mas o destino deles era outro: de dor, derrota e reconquista. Afinal, a torre era repleta de trabalhadores que o dia

inteiro se encarregavam de cálculos, reparos e manejo de mecanismos. Para fazê-la funcionar, era necessária a dedicação inflexível de todos e, para garantir esta última, o sultão havia posto um dos homens mais impiedosos de todo o sultanato: Mustafa El-Yod. Para ele, trabalho de mais inexistia: todos eram considerados lassos e desleixados, sem exceção. Faltava-lhe absolutamente um senso de escrúpulo, e por isso ele não ponderava antes de castigar com violência segundo a lei do chicote. Os meninos, que haviam entrado em uma parte escondida da torre, não sabiam da reputação do lugar ou dos rumores que sobre ele corriam. Em poucos dias, El-Yod encontrou os garotos dormindo no porão da torre e se enfureceu. “Vocês trabalharão,” disse, “e mais do que todos os outros.” Yusuf, o mais velho, ficou encarregado de calcular ajustes matemáticos no relógio, os quais teria que dizer para Asaf, que os realizaria manualmente. Mustafa se regozijava em ver o sofrimento dos meninos – um não sabia fazer os cálculos e o outro não sabia mexer nas engrenagens. A cada cálculo que Yusuf errava (isto é, quase todos), recebia vinte chibatadas; o mesmo valia para os erros de Asaf.

IBRAHIM – Ó pobres almas! A qualquer bom turco fazem doer o coração!

ATATURCO – Pois estás certo, meu irmão. E o nome deste bom turco era Ayaz, um dos trabalhadores da Ampulheta. Ele chamou os meninos em segredo e deu a Yusuf um livro sobre aritmética e a Asaf um esquema das engrenagens. Em pouco tempo, ambos estavam trabalhando corretamente e com primor – e Mustafa, contrariado, é claro, não tinha mais motivo para os fustigar.

IBRAHIM – Glórias aos céus!

ATATURCO – Todas as glórias, irmão. Mas o que se segue talvez seja pior ainda para estes simplíssimos garotos. É que El-Yod caiu enfermo da peste que assolava nossa cidade, e teve muito medo da morte. “Não posso morrer!”, gritava o homem pelas noites, sendo um peso para sua família. Uma noite, porém, um homem misterioso que passava por diante de sua casa ouviu seu clamor e o disse: “posso curá-lo; venha.” Foram-se os dois até chegar em uma tenda na floresta. Descortinou-se a tenda e o próprio Hilal se revelou, olhando fixamente nos olhos de El-Yod.

— A morte te demonstra sua ampulheta. Morrerás amanhã. A não ser que...

— Hilal parou subitamente.

— O que devo fazer? Dizei-me! — El-Yod despontou.

— Estás curado. Volta à torre e retira a menor engrenagem dela; o tempo há de parar sem ela. Então, obriga teus operários a trabalhar mais do que nunca.

Os seus cálculos todos hão de falhar, suas maquinações hão de cair por terra, e tudo que fizerem será em vão. Faz como te digo e não mais estarás enfermo; faz o contrário e uma doença seis vezes mais dolorosa te acometerá, e morrerás decerto, e morrerás como o mais agonizante dos homens.

El-Yod voltou para a torre e fez exatamente como Hilal o disse: tirou a mais pequenina das engrenagens e o relógio inteiro desmoronou em silêncio. Depois, foi-se em direção aos seus funcionários e voltou a esbravejar com todos eles, de uma forma mais furiosa, entretanto. Os calculistas logo perceberam que todos os cálculos estavam em erro naquele dia, e o comunicaram para El-Yod. “Deve haver algo quebrado no maquinário,” disse um deles. Ele, porém, respondeu: “o maquinário está perfeito. É você quem é mais lento do que um camelo de três pernas!” Os matemáticos continuaram calculando e os operadores continuaram a ajustar o mecanismo, mas os ponteiros não mudavam de posição. “Senhor, por favor, o relógio está quebrado,” insistiu um dos trabalhadores. Dessa vez, El-Yod puxou seu chicote e o castigou como nunca havia feito; todos ficaram horrorizados e conservaram o silêncio.

Um dia se passou com El-Yod de pé, obrigando os matemáticos e operadores a trabalhar até conseguirem ajustar os ponteiros corretamente. Um cálculo se mostrava ineficiente – ele ordenava que outro fosse feito, infinitamente. Os calculistas já estavam inventando cálculos, e os operadores já tremiam os braços para puxar as alavancas. Ainda assim, El-Yod não permitia que ninguém desistisse do serviço, e ameaçava todos aqueles que ousavam parar. No entanto, Yusuf, cansado mais do que todos os outros, ousou dizer: “Senhor El-Yod, está bem claro para todos que o relógio está com problemas. Por favor, deixe-nos ajeitar o que quer que seja ou, se não, deixe-nos ao menos descansar, para que recuperemos nossas forças.” Mas El-Yod, agora bufando de ódio, ordenou que Yusuf fosse jogado na sala do maquinário, sozinho, sem refeições ou água, sem luz e sem esperanças.

IBRAHIM – A divina misericórdia sobre ele esteja!

ATATURCO – Ainda não, irmão... Ainda não. Porque Yusuf ainda havia de passar pelas mais tortuosas provações! Ei-lo, enfim, na sala do maquinário, acompanhado apenas por um tique-taque incessante das cordas e complexos sistemas do relógio. Para onde se virava achava apenas formas geométricas, maquinários e engenhos. Não havia esperança para o pobre Yusuf, mas ele se confiou, sabendo que aquela era a sua hora derradeira, ao poderoso Alá, sem restrições. Ele orou:

“Vós, todo misericórdia, todo compaixão, tende piedade de mim!

Vós, todo misericórdia, todo compaixão, tende piedade!

Vós, todo misericórdia, todo compaixão, todo piedade!”

E Alá ouviu as preces do menino, pois, neste exato momento, Hilal, em sua tenda na floresta, sentiu uma grande tristeza e abatimento, daquelas de quem vai morrer. Seus súditos o seguraram, mas nada puderam fazer – ele caiu enfermo da sua própria peste, e morreu no mesmo dia, sendo desfeita a sua maldição. Eis suas últimas palavras:

“Ah! Piedade que me pinça e me despedaça! Morro por vós, mas queria ter eu morrido por vós!”

Yusuf, no entanto, nada soube sobre a morte de Hilal, e pensou que Alá não o tinha escutado, caindo em grande desespero. Aos sons dos relógios se adicionaram os de suas lágrimas e soluços.

Enquanto isso, Asaf e os outros trabalhadores continuavam nas mãos do terrível El-Yod. É bem verdade que ele os havia dado uma refeição, mas apenas para que continuassem sofrendo enquanto tentavam ajeitar algo que estava fora do alcance deles. Asaf, entretanto, pensou em algo muito engenhoso para sair daquela situação. Ele resolveu criar uma espécie de motim – apanhou uma das ferramentas que estavam por perto e saiu de súbito contra El-Yod. O velho se assustou, mas revidou, arremessando Asaf para longe. Ainda assim, os outros trabalhadores se juntaram ao garoto e se avolumaram contra El-Yod, que rapidamente chamou os guardas. O tumulto estava generalizado. Isso foi o bastante para que Asaf e muitos outros fugissem da torre.

IBRAHIM – Alá seja louvado!

ATATURCO – Sim, irmão, mas esqueceste de Yusuf. O pobrezinho ainda estava preso, e não tinha nada além dos relógios como companhia. Seu irmão, Asaf, fugiu, mas pretendia retornar para salvá-lo. Na noite seguinte, portanto, o menino passou coberto em panos por diante da torre, e fez um pequeno buraco onde ficaria a sala do maquinário. Ele, então, falou com Yusuf:

— Irmão!

— Por Alá, Asaf! Me ajude! Não como a dias, e me vejo no mais profundo desespero!

— Eis aqui, meu irmão, um pouco de pistache, alguns gomos de romã; te trouxe água também, a qual dar-te-ei por meio desta colher. — Asaf se apressou e fez tudo conforme disse, saciando minimamente a fome de seu irmão.

— Obrigado, irmão.

— Eu vou tirar-te deste inferno, irmão, aguenta um pouco mais!

— *Insh'allah!*

Asaf foi-se muito triste de ver seu irmão naquele estado, pensando em um modo de tirá-lo de lá. Sua opção mais razoável era se infiltrar no local, mas isso lhe parecia demasiado difícil, pois os guardas estavam sempre em vigília, fazendo turnos. Ele pensou um pouco mais e decidiu que precisava encontrar o sultão e dar notícia de tudo de nefasto que Mustafa El-Yod estava fazendo no lugar.

No outro dia, visitou novamente seu irmão e o disse que precisava encontrar o sultão. Disse também que havia pedido para uma senhora que morava próximo da torre o levar alimento todos os dias às nove da noite enquanto estivesse fora. Se despediu e partiu em busca da casa do sultão, que ficava a dois dias da cidade.

Yusuf, que estava isolado agora do mundo inteiro, sem poder ver mesmo seu irmão, oscilava e tentava se equilibrar no pilar de sua sanidade. O ritmo imperioso dos relógios, irrefreável, o oprimia e se transformava de pouco em pouco em vozes distorcidas de abantesmas, em passos titânicos de murzelos da morte, em grunhidos periódicos de um vazio que obliterava a mais pura esperança. No escuro e do escuro surgiam formas abissais dos mais fundos temores humanos, ensaios do inferno, eflúvios das labaredas extremíssimas. Diante disso, Yusuf se recolhia, se agarrava ao chão empoeirado, com o ventre flagelado, reduzido agora a uma carcaça miserável, impotente, sem poder nada fazer contra as imagens que o colocavam sob suas garras. Era a solidão, o tempo parado, a dor, a saudade do sol... tudo.

Mas, como que sentisse a dor de seu irmão, Asaf aligeirava o galope de seu cavalo em direção ao sultão, e, em ânsias inconsoláveis, chegou a seu destino — ei-lo diante das ricas posses do poderoso sultão. Após muito tentar entrar em seu palácio, sem sucesso, o sultão finalmente o chamou e mandou que servissem do melhor pão para ele. Asaf, apressado, disse:

— Grão sultão! É uma honra estar em vossa presença! Escutai-me, sultão, escutai-me! O homem que colocastes como chefia da Torre Ampulheta está completamente fora de si. A mim e a meu irmão pegou-nos para trabalhar

para ele sem regalias, e agora impede que consertemos o relógio com todas as suas forças. Precisais ver, ó sultão, em que sofrimento estamos todos nós que lá trabalhamos, e, entre todos, ainda mais meu irmão, que padece no subsolo, na sala do maquinário, sem poder comer nem beber, na mais terrível escuridão. Vindes comigo! Vejais por vós mesmo, meu sultão! Haveis de vos enfurecer com a conduta desse homem!

— Que Alá te seja benigno, pequeno, pois foste bravo para vir até mim com tal queixa! Não te turbes, pois irei contigo e a tudo que estiver torto desentortarei e tudo que for espinho em lâ tornarei.

Foram-se o menino e o sultão, junto com todos os seus guardas, no galope rápido e trovejante de seus cavalos. O trajeto que fariam em dois dias completaram em um, pois eram os melhores cavalos da região. Assim, se achegaram na Torre Ampulheta. O sultão desceu e foi acompanhado de todos os seus guardas até El-Yod, que os recebeu com embaraço.

— O que fazes com meu sultanato, verme? Por que me envergonhas deste modo? Vê estes homens: são menos homens do que corpos agora! E o relógio? O manténs parado desde muito!

— Ó meu áureo sultão, tu sabes que não faço senão o melhor pelo teu reino e tua obra! Olha que estes homens, eles sim os vermes, não fazem nada além de me envergonhar e envergonhar a ti! Pois fazem dias que os insto a consertar o relógio com todo o meu vigor e não consertam! Vês, meu inefável sultão, que são imprestáveis estes homens! — replicou El-Yod, em gaguejos e tremeliques.

— Tu, homem, ainda ousas a mim mentir? Em quem devo confiar? Em ti, que em tanto tempo e com tanta autoridade nada lograste para fazer este relógio funcionar, ou na criança que, com uma coragem altaneira, me veio informar tua incompetência? De ti não quero nem mais uma palavra; evapora!

Os guardas prenderam El-Yod e retiraram de seu bolso a engrenagem pequenina e a chave da sala do maquinário. Asaf libertou Yusuf de seu clausuro e retornou a pequena engrenagem ao seu lugar. O sultão os recompensou convidando-os a morar em seu palácio, e ordenou que Asaf fosse agora o chefe da Torre Ampulheta. Quanto a El-Yod, a profecia de Hilal se completou: o relógio voltou a funcionar, e agora ele estava enfermo de uma doença seis vezes mais dolorosa que a peste – morreu depois de muitos dias de dor, agonizando mais do que qualquer homem.

IBRAHIM – Que felicidade, meu irmão! Agora sim as glórias! O que me dizes com essa história?

ATATURCO – Ora, irmão, o que digo? Digo somente o que os sábios já disseram, mas agora em cores e rubores. Digo que a espera é certamente cheia de traques do desespero, repleta de monstros e agonias, mas que a abertura do horizonte, quando o sol brilha novamente, abraçando em seu seio a natureza inteira, os pássaros e os desertos, as laranjeiras e os romãs, as cáfilas e incensos, enfim, tudo que debaixo dele anda, é certamente um momento de uma felicidade para além de nós mesmos. Contemplemos nossas esperas, irmão, com uma firme esperança dessa revelação sempre nova de um sol que retorna o sentido aos nossos cálculos e faz-nos reis!

IBRAHIM – Com fulguras inimagináveis, irmão, esse sol desponta em meu coração – quero agora acolhê-lo.

OS DOIS SE VÃO, observando com alegria o pôr do sol.